

PEQUENAS COISAS, COISAS SIMPLES E ORDINÁRIAS NO CONTO “COMO VOCÊ CHAMA?” DO ESCRITOR EGÍPCIO BAHAA TAHER

TINY, SIMPLE AND ORDINARY THINGS IN THE SHORT STORY “WHAT’S YOUR NAME?” BY THE EGYPTIAN WRITER BAHAA TAHER

Ester Macedo dos Santos¹

Resumo: Este texto apresenta o escritor egípcio Bahaa Taher em seu contexto histórico, político e literário, e propõe uma tradução do árabe para o português brasileiro do conto “Como você chama?”, situando-o dentro da coletânea de textos de onde foi retirado e expondo decisões tradutórias para o uso do dialeto árabe egípcio e do tom narrativo.

Palavras chaves: literatura árabe; conto egípcio; Bahaa Taher.

Abstract: This text introduces the Egyptian writer Bahaa Taher in his historical, political and literary context, and proposes a translation from Arabic to Brazilian Portuguese of the short story “What’s your name?”, placing it within the collection of texts from which it was taken and exposing translation decisions for the use of Egyptian Arabic dialect and narrative tone.

Key words: Arabic literature; Egyptian short story; Bahaa Taher.

O EGITO DE BAHAA TAHER

O contista, romancista e tradutor egípcio Bahaa Taher nasceu nas cercanias do Cairo, em 1935. Concluiu a graduação em História e em seguida cursou pós-graduação em Mídias, na Universidade do Cairo. Após o período de formação, iniciou sua carreira como tradutor para o governo e fez parte da Rádio do Cairo.

Taher começou sua carreira literária no despertar da Revolução de 1952, que derrubou a monarquia e levou à ascensão de Gamal Abdel Nasser, que chegou ao poder em 1954, quando Taher era um estudante na Universidade do Cairo. Na introdução de seu romance *Tia Safiyya e o Monastério* (1991), ele descreve sua rápida desilusão com o novo regime. Taher se refere eloquentemente aos sentimentos contraditórios que o clima político do Egito pós-revolucionário evocou nele e em seus contemporâneos. (Zviad Tskhvediani, 2021². tradução nossa)

¹ Bacharela e licenciada em Letras Árabes e Português pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Participa do grupo de pesquisa Tarjama: Escola de Tradutores de Literatura Árabe Moderna. ORCID ID:<https://orcid.org/0009-0001-6496-0532>. Lattes:<http://lattes.cnpq.br/6149441876789413>. Email: estermacedoag@gmail.com

² <https://journals.org.ge/index.php/asianstudies/issue/view/27> último acesso 16/08/2025.

■ traduções e perspectivas literárias

Anos após o início de sua carreira, Bahaa Taher foi banido da Rádio do Cairo, e, juntamente com outros escritores, proibido de publicar seus livros por sua participação política ativa e por expressar abertamente seu descontentamento e opiniões contrárias ao governo, durante o mandato do então presidente Anwar Al Sadat.

As instabilidades, transformações e rupturas políticas e econômicas no Egito durante os séculos XIX e XX perpassam as obras de Taher, como a que lhe concedeu o Prêmio Internacional de Ficção Árabe, em 2008: o romance *Oásis do Poente* (*Wahat alghurub*) (B. Taher, 2007), conhecido em inglês como *Sunset Oasis*, cuja história se passa durante a ocupação inglesa. Outros temas presentes em suas narrativas, ora de forma explícita, ora como plano de fundo dos enredos, são: a dicotomia dos encontros e do contato entre Oriente e Ocidente, identidade individual e social, tradições, superstições, corrupções, lutas por poder e a diversidade cultural egípcia (J. Meisami e P. Starkey, 1998: 205).

Por ter sua escrita censurada, Taher saiu do Egito, dando continuidade a seus projetos de tradutórios e literários, mas retornou ao Cairo, onde faleceu no ano de 2022. Ao total foram publicadas 17 obras do escritor, dentre elas coletâneas de contos, romances e outros trabalhos; alguns deles tendo traduções para idiomas como inglês, espanhol, francês, alemão, italiano, norueguês, turco, dentre outros. As obras, contudo, não estão disponíveis em português, o que dá ao presente texto a oportunidade de proporcionar o contato com uma parte da obra de Taher, que apesar de ínfima comparada ao todo de sua carreira, mostra-se significativa, pela particularidade do autor e pela experiência de aproximação dessa literatura estrangeira a partir de uma tradução direta do árabe.

O CONTEXTO LITERÁRIO

No início do século XIX, a tradução de idiomas europeus no Egito passou por um forte incentivo durante os reinados de Muhammad Ali e Ismail (Meisami e Starkey, 1998: 205). Muhammad Ali investiu em projetos culturais modernizadores como a criação da primeira imprensa no país e a fundação de uma Escola de Tradução (R. Tignor, 2010:212). Um outro fato que pode ser visto como possível impulsionador de mudanças no cenário literário seria o constante contato com o estrangeiro, que se tornava presente no contexto social cotidiano egípcio (como a ocupação francesa, inglesa e posteriormente a presença de russos devido à aproximação política dos dois países). Este contato pode ter sido um dentre os possíveis influenciadores da fase literária do “Despertar” ou “Renascimento” (*Nahda*, ‘renewal’ em Meisami e Starkey, 1998: 206), que ocorreu entre o final do século XIX e o início do século XX no Egito e em seguida em outros países árabes.

A literatura árabe continuou em movimento e, em algum ponto, bases literárias tradicionais cristalizadas passaram a ser exploradas de maneira inovadora por escritores da época e novos elementos foram introduzidos, seja na prosa ou na poesia. O árabe *Fusha* (“árabe clássico” conforme F. Corriente e I. Ferrando, 2005: 887) passa a dividir as páginas

■ traduções e perspectivas literárias

de alguns autores, ainda que em pequena proporção, com o árabe dialetal (que é o linguajar usado no cotidiano, em árabe: *ammiyya*).

O desenvolvimento da literatura árabe moderna é caracterizado por uma tensão subjacente entre três tradições de atividade cultural distintas: uma tradição de ‘elite’ árabe-islâmica associada com a literatura em Fusha; uma tradição menos bem documentada da cultura ‘popular’, frequentemente envolvendo o uso da *ammiyya*, e novas influências e formas literárias derivadas do Ocidente (Meisami e Starkey, 1998: 205 tradução nossa).

Embebido dos resultados da *Nahda*, e vivendo no período de transição de uma colônia para uma pós-colônia, Bahaa Taher escreveu suas obras num tempo em que a literatura egípcia passava por um processo de consolidação do que viria a ser o romance e o conto moderno em língua árabe.

O CONTO “COMO VOCÊ CHAMA?” E SUA TRADUÇÃO

O conto traduzido neste texto faz parte da coletânea de contos de Bahaa Taher com o título *Eu não sabia que os pavões voavam* (Bahaa Taher, 2009). Nele temos 6 contos: “Como você chama?”(enta esmak eh?), “Habitantes do Palácio” (sukan elqassir), “Eu não sabia que os pavões voavam” (lam aref an altawawis tatir), “Cães Importados” (kilab mustaurada), “Gatos não são adequados” (qitat la taslah) e “A vizinha”(aljara). Esta coletânea foi publicada em árabe, no Egito, pouco tempo depois da publicação do livro *Sunset Oasis* (B. Taher, 2007). Em contraste com o romance mencionado, que tem como fio condutor a tensão política do tempo do romance, os contos escritos nesse conjunto trazem cenas do cotidiano nas quais vemos sentimentos individuais e coletivos das personagens. Dilemas práticos, ínfimos ou morais são expostos e observamos as personagens tomarem seus cursos e decisões, seja pela ação ou pela ausência dela. Alguns dos tópicos que dão molde aos contos são: relacionamentos, ambiente de trabalho, animais domésticos e pessoas próximas, e através deles vemos os conflitos internos ou a mera aceitação das personagens e narradores, a configuração mental e as interações sociais. No conto traduzido, temos contato com o neto do narrador e vemos esse senhor adulto, já de idade, lidando com seus sentimentos de afeto, cuidado e autoridade (ou a falta dela) diante dessa criança de seu convívio.

Por meio dos títulos dos 6 contos e de seus enredos somos expostos a uma variedade de possibilidades: uma pessoa anônima, habitantes não identificados, pavões, cães, gatos e uma vizinha. Acompanhando as histórias vemos um mosaico, construído de forma sensível, sobre trechos distintos da vida das personagens, pedaços de histórias diferentes que reunidos ilustram pequenas coisas, coisas simples e ordinárias do dia a dia; cômicas, misteriosas, irônicas ou tocantes...

“Como você chama?” é o único dos contos do livro que traz o dialeto, presente no próprio título e também na narrativa. ‘Enta esmak eh?’ É a maneira informal de se perguntar

■ traduções e perspectivas literárias

o nome de alguém no dialeto, e foi traduzido omitindo-se o “se” do português para marcar esse modo de falar do dia a dia egípcio. Tentou-se destacar ainda mais esse uso através da escrita de um português oralizado em algumas sentenças, apesar de saber que dentro do campo de tradução da língua árabe essa ação nem sempre se mostra como solução. Este foi um dilema que se instaurou durante o ato tradutório em conjunto com as expressões de teor religioso, cujas dificuldades podem ser delineadas no excerto abaixo, na forma de duas perguntas:

1. Como agir diante do dialeto que muitas vezes se evidencia nos diálogos, e como torná-lo presente no texto da tradução? A questão não se resolve inserindo-se, por exemplo, uma das variantes de fala local do português brasileiro, que têm sua razão de ser que em nada equivale às razões de existir o dialeto árabe nacional e regional que, em cada localidade, tem vínculos históricos com o clã de origem; e
2. Os termos religiosa e culturalmente marcados devem ser adaptados, correndo-se o risco de incorrer em apagamentos dos traços distintivos culturais do texto? Ou será melhor trazê-los transliterados ao texto da tradução, com apoio de paratextos para explicá-los, como notas de rodapé ou notas introdutórias ao texto como um todo, nas quais se descrevem as escolhas do tradutor, dando-se a ele visibilidade, de modo a destacar sua coautoria no texto já traduzido?” (S. Jubran e M. Sleiman, 2020: 17)

O conto tem como centro o pequeno neto do narrador, e, para ilustrar seu registro descomplicado e por vezes infantil, procurou-se manter um tom simples, conforme o texto em árabe, destacando as onomatopeias e pesquisando possibilidades e “soluções” para termos “sem equivalentes diretos” em português.

COMO VOCÊ CHAMA?³

Meu neto Ahmad, de dois anos de idade, é apaixonado por literatura russa. Não se interessa por literatura árabe, inglesa ou em qualquer outra língua, mas, desde que ele aprendeu a subir na cadeira próxima à minha estante e alcançar suas prateleiras, concentrou todo seu interesse nos russos. Escolhia um romance, depois, extremamente feliz, se ocupava em rasgar sua capa em pequenos pedaços. Esse fato intrigava sua mãe tanto quanto me intrigava, pois as cores das capas desses romances não chamavam a atenção; não eram vermelhas ou amarelas, apenas um papel branco lustroso com o nome do romance e autor, e a capa envolvendo o livro grosso. Ahmad, porém, por uma razão que não sabemos, amava aquelas capas mais do que qualquer outra coisa. Quando sumia de vista por um segundo, o encontrávamos sentado no chão, e entre suas pernas, os restos da capa rasgada do livro-vítima. Às vezes, encontrávamos pequenos pedaços brancos grudados em seus lábios. Nessas situações, a mãe dele abria sua boca pressionando suas bochechas com o

³ Tradução do árabe por Ester Macedo dos Santos e Revisão de Felipe Benjamin Francisco.

■ traduções e perspectivas literárias

indicador e o polegar, em seguida, mergulhava o dedo nela, sem se importar com seus gritos, para se assegurar de que ele não havia engolido Dostoievski ou Tolstoi.

Depois disso, por força das circunstâncias, Ahmad transferiu seu interesse da prosa à poesia. Já havíamos exilado os gigantes da literatura russa com suas vestes brancas, rasgadas e esfarrapadas para a prateleira mais alta, onde sua mãozinha não alcançava. Ficaram nas prateleiras inferiores os livros menores, a maioria deles de poesia moderna e pós-moderna. Ahmad lhes concedia um tratamento especial por conta do tamanho e da finura de suas folhas. Ele não se contentava em rasgar as capas, ao invés disso, “devorava”, não só as capas, mas também as páginas, rápida e avidamente. Poemas em prosa e poemas rimados se transformavam em migalhas dentro de segundos, antes da ajuda chegar.

Os interesses de Ahmad não se limitavam à literatura. Apesar de nos juntarmos para vigiá-lo e não perdê-lo de vista: mãe, pai, avó, irmão mais velho, e eu, é claro; ele obtinha sucesso em romper aquele cerco sufocante por alguns minutos ou segundos, suficientes para continuar descobrindo o mundo. Dentre suas últimas obras de arte se incluem:

— Beber meio vidro de colônia — e quando o peguei em flagrante, derramou o restante do vidro no chão, me encarou com um sorriso doce dizendo: “água!”. Ao ligar para o médico, aconselhou darmos a ele um copo de leite e o monitorarmos durante uma hora. O resultado da uma hora de observação foi que ele andava com as pernas abertas, com a cabeça balançando sobre o pescoço como um ioiô, rindo sem motivo.

— Em um segundo experimento, saiu do banheiro com o rosto vermelho, tossindo com força, olhos lacrimejando, e com espuma saindo da boca. Estava na cara que ele havia engolido uma quantidade desconhecida de sabão em pó. Sua avó, aos prantos, o levou ao hospital mais próximo, onde pela primeira vez também ele experimentou uma lavagem gástrica. Nem as lágrimas, a tosse ou qualquer outra coisa o impediram de chamar a atenção da avó assustada, apontando para a presença de um “*calo vemelo*” (carro vermelho) na rua.

— Houve também outras pequenas coisas, menos importantes que as acima, como: destruir o aparelho de rádio, abrir a barriga do gravador, arremessar da sacada brinquedos, fitas, chaves e outras coisas, quebrar copos, xícaras e pires. E sempre que eu o encontrava aprontando, ele me perguntava sério: “caca?” Então eu concordava dizendo “caca”, ele então lançava o que tinha na mão no chão ou na rua.

Eu tinha certa inveja de seu pai, porque na maioria das vezes Ahmad voltava atrás quando era o pai quem dizia “caca”, enquanto eu, seu avô experiente e de cabelos grisalhos, que criei sua mãe; o meu “caca” não surtia o mínimo efeito.

No entanto, tirei proveito das experiências passadas. Antes de sua última visita eu sumi com todas as coisas que poderiam ser tentadoras ou perigosas: medicamentos, aparelhos elétricos, barbeador e todas suas peças, pasta de dente, controle remoto, canetas, vasos, prendedores, etc. Me certifiquei de que todas as gavetas da estante estivessem fechadas com chave, depois de colocar todos os papéis importantes dentro delas.

■ traduções e perspectivas literárias

Realizei muitas inspeções pelo apartamento para me assegurar que não havia esquecido de nada.

Estava pronto para fazer tudo o que me pedisse quando chegasse. Depois de dar abraços, beijos e balançá-lo pra lá e pra cá, finalmente o coloquei sentado em meus ombros e saí correndo com ele pelo apartamento. Ele ria alto, de dar gosto. Depois que me sentei na sala, sobre o sofá, exausto e ofegante, me senti um pouco tonto. Ahmad disse:

— *Calo! Calo!*

Corri para dentro e trouxe para ele um carro de brinquedo que ele gostava e disse a ele, orgulhoso:

— *Calo vemelo!*

Ahmad agarrou o brinquedo de metal e o examinou por um momento, depois o atirou no chão, repetiu e apontou para a porta:

— *Calo! Calo!*

Recolhi o brinquedo do chão e repeti com entusiasmo:

— *Calo vemelo!*

Começou a chorar aos berros:

— *BUÁ! BUÁ! BUÁ!*

Tentei levantá-lo outra vez em meu ombro, mas se desvencilhou de mim e continuou a chorar. A mãe dele disse rindo:

— Ninguém é bobo, né, papai? Ele quer que você leve ele pra passear num carro de verdade.

Eu respondi enquanto tentava abraçá-lo:

— O Ahmad é um bom menino... O Ahmad é a coisa mais linda... *Calo* depois, primeiro o papá... Depois o *calo*.

— *BUÁ! BUÁ! BUÁ!*

A mãe dele disse com ares de pedagoga sábia:

— Isso não funciona, pai. Tem que distrair ele com outra coisa. Então o tirou do chão, o carregou em direção à janela, com o vidro fechado, e disse:

— Vamos ver o gatinho, Ahmad!

— *BUÁ! BUÁ! BUÁ!*

— Tá vendo, Ahmad, o gato lá em cima do telhado? Nossa! Que gato bonito! *Miau, miau...*

— *BUÁ! BUÁ! BUÁ!*

— Nossa! O que é isso aqui, Ahmad? Uma pomba? Meu Deus! *Pru-pru... Pru-pru...* — *BUÁ! BUÁ!*

— E o que é que está ali na rua? É um *ca...*

■ traduções e perspectivas literárias

Então parou.

— Ca... ca... Caminhão? *Uau*, um caminhão!

Eu estava de pé atrás de sua mãe, repetindo com entusiasmo cada “*miau*”, “*pru-pru*” e “*uau!*”, tentei colocar minha mão em sua bochecha para dar um tapinha, mas segurou minha mão, e jogou as costas para trás, se debatendo e gritando:

— *Calo! Calo! BUÁ! BUÁ! BUÁ!*

Sua mãe o tirou da janela, o desceu do colo e o colocou no chão.

— Desisto!

O choro dele aumentava, mas ela não falou mais com ele e foi para a cozinha se juntar à mãe. Eu seguia os passos vacilantes dele, me sentindo impotente diante daquele choro que o fazia tremer e partia meu coração. Repeti, então, em desespero:

— O Ahmad é um bom menino... O Ahmad é a coisa mais linda...

Ahmad parou de repente. Deu um soluço intermitente e longo, seguido por um suspiro. Se virou para mim e me perguntou — o choro ainda em sua voz — a única pergunta que sabia e que vinha fazendo a todos durante um mês: “Como você chama?”.

Fiquei surpreso com a mudança rápida das circunstâncias difíceis pelas quais estávamos passando, mas respondi confiante:

— Meu nome é Galal.

— Não! Como você chama?

— Meu nome é vovô.

— Não! Como você chama?

— Meu nome é vovozinho (era assim que seu irmão mais velho me chamava).

— Não! Como você chama?

— Meu nome é coisa nenhuma.

— Coisa?

— Isso mesmo, coisa. Eu sou o “vovô coisa”.

Ele deu uma gargalhada só, então, de repente, tirou o telefone que estava na mesa entre nós do gancho e disse:

— Caca?

Não caí na armadilha, permaneci em silêncio e olhei em sua direção, suplicante. Ele também permaneceu olhando em meus olhos com determinação. As lágrimas ainda molhavam seu rosto. Repetiu a pergunta:

— Caca?

Havia sinais de raiva em seu rosto enquanto ele balançava o telefone, seu olho em meu olho, porque ele, na verdade, perguntava: “Que avô é esse que não sabe outra palavra

■ traduções e perspectivas literárias

além caca, não tem um *calo* no qual possa me levar para passear, nem sequer um nome convincente?

Eu sei que eu deveria me portar de maneira razoável, mas cedi ao olhar e disse com calma:

— Isso mesmo, Ahmad... Caca!

O telefone se despedaçou no chão, soando um último toque de adeus, e na minha cara, Ahmad berrou seu veredicto final:

— Cocô.

انت اسمك اي؟

حفيدي أحمد، البالغ من العمر سنتين، يعشق الأدب الروسي. لا يهمه الأدب العربي أو الإنجليزي أو المكتوب بأي لغة أخرى، ولكنه منذ أن تعلم تسلق المقعد المجاور لمكتتي والوصول إلى أرففها، ركز كل اهتمامه على الروايات الروسية. يختار رواية منها ثم ينهمك بسعادة بالغة في تمزيق غلافها قصاصات صغيرة. وحيث هذه المسالة أمه كما حيرتني، فأغلفة هذه الروايات لا تلتفت ألوانها النظر، ليست حمراء ولا صفراء، بل هي مجرد ورق أبيض مصقول عليه اسم الرواية والمؤلف ويحيط الغلاف بالكتاب السميك. ولكن أحمد ليس له نعرفه أحب هذه الأغلفة دون غيرها، وعندما يختفي عن الأنظار دقيقة واحدة كنا نجده جالسا على الأرض وبين رجليه الكتاب الضاحية مقاييس الغلاف الممزق. أحياناً كان نجد قصاصات بيضاء صغيرة ملتصقة بشفتيه، وفي هذه الحالة كانت أمه تقتح فمه بضغط وجنتيه بين السبابية والإبهام، ثم تغوص بأصابعها في فمه دون أن تبالي بصراحته لتتأكد من أنه لم يتخل دستوف斯基 أو تولستوي.

بعد ذلك وبسبب ضغط الظروف، نقل أحمد اهتمامه من النثر إلى الشعر. فقد نفينا عمالقة الأدب الروسي بأيديتهم البيضاء الممزقة والمهللة إلى رف علوي لا تصل إليه يده، وبقيت في الأرفف السفلية الكتب صغيرة الحجم، ومعظمها من الشعر الحديث، وما بعد الحديث. وكان لأحمد موقف محدد منها بسبب صغر حجمها ورقة أوراقها، فهو لم يكن يكتفي بتمزيق أغلفتها، بل كان "يفرنك" الأغلفة والصفحات بسرعة ونشاط، فتحول قصائد النثر وقصائد النظم في ثوان إلى قنادل منفوش قبل وصول النجدة.

ولم تكن اهتمامات أحمد مقصورة على الأدب، فرغم أنها كانت نجتمع على مراقبته لكي لا يغيب عن أنظارنا، أمه وأبوه وجده وأخوه الأكبر وأنا بالطبع، فقد كان ينجح في اختراق هذا الحصار الخانق لدقائق أو لثوان تكتفي لكي يواصل اكتشاف العالم. وشملت أعماله الأخيرة ما يلي:

— شرب نصف زجاجة كولونيا — وعندما عثرت عليه متباساً سكب نصف الزجاجة البالغ على الأرض وهو يواجهني بابتسمة عنيدة قائلاً: "ميء"! وعند الاتصال بالطبيب نصح بأن نسيقه كوبا من اللبن وأن نراقبه لمدة ساعة، وأسفرت المراقبة خلال الساعة عن أنه كان يمشي متبعاً الساقين وأن رأسه كان يتحرك آلياً فوق رقبته مثل اليوبي وأنه كان يضحك دون سبب.

— في تجربة ثانية خرج من الحمام محمر الوجه وهو يسعى بشدة وعيناه تدمعن ونخرج من فمه الرغولي، واتضح أنه سف كمية غير معروفة من مسحوق الغسيل.. حملته جدته وهي تبكي إلى أقرب مستشفى حيث جرب أيضاً لأول مرة غسيل المعدة. ولم تمنعه الدموع ولا السعال ولا شيء آخر من أن يلتفت نظر جدته المذعورة مشيراً بسبابته إلى وجود "عيبة" (عربية) حمراً في الشارع.

أشياء صغيرة لا تقاد تستحق الذكر إلى جانب ما سبق، مثل تحطيم جهاز الراديو الترانستور، وفتح بطن جهاز التسجيل، وإلقاء لعب وشريان تسجيل ومقاتلتين وأشياء أخرى من الملاكونة، وتكسير بعض الأكواب والفالجين والأطباق.. وعندما كنت أضبطه في هذه الحالات كان يسألني بجدية "كح؟" فارد موافقاً "كح" فيلقي ما في يده على الأرض أو في الشارع.

وكلت أشعر بنوع من الغيرة من أبيه لأنه في الغالب كان يتراجع عندما يقول له أبوه "كح"، أما أنا جده المجنوب الأشيب الشعر الذي ربيت أمه، فلم يكن لـ"كح" الخاصة أدنى تأثير عليه.

لકنى مستفیدا من التجارب السابقة قمت قبل آخر زياراته لي بإلخفاء كل الأشياء التي تمثل إغراء أو خطراً: الأدوية، الأجهزة الكهربائية، ماكينة الحلاقة، وكل أدواتها، معجون الأسنان، ريموت التليفزيون، الأقلام، المزهريات، مشابك الغسيل... إلخ. وتأكدت من إغلاق أدراج المكتب بالمفتاح بعد وضع كل الأوراق المهمة داخلها. وأجريت عدة جولات تفتيشية في الشقة للتأكد من أنني لم أنس شيئاً.

وكنت جاهزاً لتنفيذ جميع طلباته عندما وصل، وبعد العناق والقبلات والمرحة وحمله فوق كتفي وجربي به في أرجاء الشقة، وهو يضحك ضحكات عالية تفرج القلب، وبعد أن جلست في الصالة على الكنبة مهدواً وأنا ألهث وأشعر بشيء من الدوار قال أحده:

— عيبة.. عيبة.

جريت إلى داخل وأحضرت له السيارة اللعبة التي يحبها وأنا أقول بفخر:
— عيبة حمر!

أمسك أحمد اللعبة المعدنية وتحصّبها للحظة ثم رماها في الأرض، وكرر وهو يشير نحو الباب: "عيبة.. عيبة..".
القطّت اللعبة من الأرض كررت أنا أيضًا في حماس: عيبة حمر! بدأ بيكي بصوت عالٍ: عا.. عا.. عا.. حاولت
أن أرفعه مرة أخرى فوق كتفه فتملص مني وهو يواصل البكاء.

قالت أمه وهي تضحك: إننا مش عبطة يا باباً: هو عايزة تفسحه في عربية بحق وحقيقة.
قلت وأنا أحاول احتضانه: أحمد حلو.. أحمد جميل.. عيبة بعدين، الأول مم.. وبعدين عيبة.
— عا.. عا.. عا..

قالت أمه بلهجة تربوية حكيمه: ما ينفعش كده باباً.. لازم تشغله حاجة تانية.
ثم التقطته من الأرض وحملته متوجهة به نحو النافذة مغلقة الزجاج وهي تقول:
— تعال يا أحمد تنفرج على القطة.
— عا.. عا.. عا..

شافيف يا أحمد القطة اللي فوق السطح؟ الله: قطة جميلة ناو.. ناو..
— عا.. عا.. عا..
— الله! الله! إيه دي يا أحمد؟ حمامه؟ الله: بخ بغو.. بخ بغو..
— عا.. عا..

— وايه اللي في الشارع دي؟ ع.. ع.. (ثم توقفت) ع.. ع.. عجلة؟
وكنت أقف وراء أمه أكرر بحماس النونوة والبغوعة والدهشة، وحاولت أن أمد يدي لأربّت على خده، فنظر يدي وهو
يقوس ظهره للخلف في تشنّج ويصرخ:
— عيبة عيبة.. عا.. عا..

استدارت أمه من النافذة وأنزلته من على كتفها وتركته على الأرض.
— انفلق!

ارتفع بكاؤه لكنها لم تتسأل فيه ذهبت إلى المطبخ لتلتحق بأمه.
كنت أتابع خطواته المتخططة وأشعر بقلة الحيلة أمام هذا البكاء الذي يرجه رجا ويمزق قلبي وأنا أكرر في يأس.
— أحمد حلو.. أحمد جميل!

لكن أحمد توقف فجأة ونهنه نهنهه مقطعة طولية أعقبتها شهقة ثم التفت نحوي وسلامي والبكاء مازال في صوته،
السؤال الوحيد الذي يعرفه والذي ظل يوجهه للجميع طوال شهر:
— إنت اسمك إيه؟

فاجاتني النقلة السريعة في الظروف الصعبة التي نمر بها، لكنني قلت بثبات:
— أنا اسمى جلال.

— لا.. إنت اسمك إيه؟

— اسمى جدو.

— لا.. إنت اسمك إيه؟

— أنا اسمى جاجا (هكذا يناديني أخوه الأكبر)

— لا.. إنت اسمك إيه؟

— اسمى ولا حاجة.

— حاجة؟

— آه حاجة.. أنا جدو حاجة.

ضحك ضحكة من مقطع واحد، ثم فجأة خطف سماعة التليفون من فوق المنضدة التي تفصل بيننا وسلامي "كخ"؟
لم أسقط في الفخ، ظللت ساكتًا وأنا أنظر نحوه باستعطاف وظل هو أيضًا ينظر في عيني بثبات، والدموع مازالت تبلّ
 وجهه مكرّراً السؤال:
— "كخ"؟

كانت علامات الغضب في وجهه وهو يهز السماعة، وعينه في عيني لأنه في الحقيقة يتتسّائل: ما هذا الجد الذي لا
يعرف غير كلمة "كخ" وليس عنده عيبة للفسحة فضلاً عن أنه ليس له أي اسم مقنع؟
كان ينبغي بالطبع أن أظل عاقلاً، ولكنني استسلمت أمام نظرته وقلت بهدوء:
— أيوه يا أحمد.. كخ!
تناثرت أحشاء السماعة في الأرض وهي تطلق رنين الوداع الأخير وصرخ أحمد في وجهي بتعليق نهائي:
— كاكا!

REFERÊNCIAS

- JUBRAN, Safa e SLEIMAN, Michel. "Mão na Massa! A prática da tradução coletiva". *Criação e Crítica*, n. Especial, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0ispep5-18> Acesso em: 13/02/2025.
- CORRIENTE, Federico. e FERRANDO, Ignacio. *Diccionario avanzado árabe*. Herder, Ed. 2. Spain, 2005, p. 887.
- MEISAMI, Julie Scott and STARKEY, Paul (orgs.). *Encyclopedia of Arabic Literature*. v. 1. New York: Routledge, 1998, p. 205-207.
- TAHER, Bahaa. *Oásis do Poente (Wahat alghurub)*. ISBN 978-977-09-2025-1. Dar Ach-churuq. Egito, 2007.
- _____. *Não sabia que pavões voam (lam 'aarif anna at-tawawis tatir)* ISBN: 978-977-09-2648-8. Dar Ach-churuq. Egito, 2009.
- TIGNOR, Robert L. *Egypt: a short history*. Princeton: Princeton UP, 2010, p. 196-311.
- TSKHVEDIANI, Zviad. "Trauma in Bahaa Taher's Fiction: "I, the King, Have Come"." Free University Journal of Asian Studies, n. 3, 2021. Disponível em: <https://journals.org.ge/index.php/asianstudies/issue/view/27>. Acesso em: 04/02/2025.



Artigo licenciado sob Licença Creative Commons (CC-BY-NC-SA)
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>